

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Espaço Urbano Narrativo

Wilton de Araujo Medeiros*

Resumo: O espaço narrativo caracteriza o viver citadino em espaços urbanos metropolitanos como uma “era do texto”, era em que o *plus* de teorias e de autorias coincide com a “forma metrópole”, uma somatória de espaços narrativos que resultam em um “hiper objeto”. O “hiper-objeto” escapa à noção clássica de planejamento, pois possibilita pensar o urbano como híbrido entre texto e matéria, entre rizomas e árvores, que indagariam o espaço como ontológico e abstrato, amalgamando espacialidades, que calam e espacialidades que falam em superfícies de “espaços urbanos narrativos”.

Palavras-chave: espaço urbano, metrópole, planejamento, narratividade.

Résumé: L’espace narratif caractérise le vivre citadin dans des espaces urbains métropolitains comme une “ère du texte”, ère où l’excès de théories et d’auteurs coïncide avec la “forme métropole”, une somme d’espaces narratifs que résultent dans un “hyper objet”. L’ “hyper objet” échappe à la notion classique de planification, puisque il rend possible penser l’urbain comme hybride entre le texte et la matière, entre des rhizomes et arbres, qui recherchent l’espace comme ontologique et abstrait en amalgamant des spatialités qui font taire et des spatialités qui parlent des surfaces d’ “espaces urbains narratifs”.

Mots-clé: espace urbain, métropole, planification, narrativité.

O planejamento como escrita da cidade que não quer ser árvore¹

A metropolização no Brasil contemporâneo registra um grande descompasso entre planejamento e realidade urbana, na medida em que o planejamento não atualiza a fisionomia da metrópole enquanto cidade-região. Ao privilegiar intervenções projetuais de âmbito intra-urbano, se distancia das múltiplas narrativas que reinventam a cidade. Planeja-se no papel e para o papel. A não ser que os cidadãos fossem de papel, poderíamos planejar cidades como se fossem livros, com suas estruturas em árvore.

* Doutorando em História pela UFG

¹ Aqui se faz referência a Christopher Alexander, para quem as cidades organizadas em forma de árvore conectam artificialmente as suas 'unidades' entre si, através de seus miolos, considerado-as como um todo [through the medium of that unit as a whole].

Mas a realidade não é plana, e a cidade e seus cidadãos estão imersos em uma colcha de rizomas, conforme detectou Deleuze, uma completa “inexistência de unidade”, uma multiplicidade que não tem “nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE, 1995: 16).

É por isso que o planejamento como escrita da cidade que não quer ser árvore debate-se, escrevendo, propondo planejamento participativo (ROLNIK, 2004; CAMPOS FILHO, 2003; DIAS, 2002; PAVIANI, 1998) ou mesmo um planejamento crítico (ARANTES; VAINER e MARICATO, 2000; SOUZA, 2003), às vezes descambiando para uma crítica urbana (GORELIK, 2002; 2005; SARLO, 2005; SOUZA, 2003).

Nesse contexto, a forma final da cidade se configura como texto, numa “era do texto” (MEDEIROS, 2007), em que o que se diz sobre o objeto vale tanto ou mais do que o objeto em si, hibridizando-se sujeito e objeto em uma meta-morfologia urbana que desmaterializa imagem e texto para constituir o hiper-objeto (MEDEIROS, 2006). Contudo, “desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações” (DELEUZE, 1995: 11). E é preciso isso que fez o arquiteto holandês Rem Koolhaas em seu famosíssimo e já cultuado livro “La ciudad genérica”, ao aprisionar a cidade – que para ele é a-histórica – em um quadro de palavras:

La Ciudad Genérica es la ciudad liberada de la cautividad del centro, del corsé de la identidad. La Ciudad Genérica rompe con ese ciclo destructivo de la dependencia: no es más que un reflejo de la necesidad actual y la capacidad actual. Es la ciudad sin historia (KOOLHAS, 2006:12).

Como se sabe, não apenas Lucio Costa² reivindica autorias, mas qualquer urbanista ou mesmo arquitetos, debatem-se em fazer prevalecer no âmbito do urbano a mesma prerrogativa renascentista para a constituição moderna da “obre de arte”: a autoria, a raiz de toda cidade planejada é árvore. Mas o mundo em que se enquadra a cidade-árvore é precisamente o quadro de palavras: o livro. Entretanto, “o mundo tornou-se caos, mas o livro permanece sendo imagem do mundo, *caosmo-radícula*, em vez de cosmo-raiz. Estranha mistificação esta do livro, que é tanto mais total quanto mais fragmentada” (DELEUZE, 1995: 14).

Tais são procedimentos por dicotomia, desmaterializações-materializações livrescas que inventam e reinventam a cidade linear - cujos desenhos previsíveis vão da raiz até os seus frutos -, são, “quando comparadas com cidades antigas, que adquiriram a pátina da vida [*patina of life*], sob um ponto de vista humano, inteiramente mal sucedidas” (ALEXANDER, 2006).

² Autor do projeto urbanístico de Brasília.

Esses jogos de escrita que criam e recriam espaços de u-topia inscreve na pele dos objetos a replicante lógica binária (re) criando relações biunívocas de conhecimento. Eis a fusão dos espaços bidimensionais de textos ou imagens com os espaços tridimensionais dos objetos urbanos. É preciso subtrair dessa “economia escriturística” (CERTEAU, 1994: 221), é preciso, pois,

fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele (DELEUZE, 1995: 15).

O planejamento como escrita da cidade que não quer ser árvore, um planejamento escriturístico, livresco, douto, atualizando, hibridizando urbanos, instaurando espaços narrativos, cidades de palavras. No plano da escrita, funde-se e confunde-se história, planejamento, literatura, tal é o afã de se inscrever pela escrita, o que outrora se fazia por monumentos. A escrita é a monumentalização do urbano no plano bidimensional, fundindo e confundindo tempos em espaços biunívocos. Frequentemente lemos esta particular dimensão da construção do hiper-objeto:

Como o tema tornou-se multidisciplinar, abarcando outros campos do conhecimento além da história e das ciências sociais, sua crescente abrangência e complexidade requerem esclarecimentos quanto a sua trajetória através do tempo, além das explanações conceituais. Para abranger as definições e um pouco do percurso do desenvolvimento das pesquisas recorreu-se aos estudos de Evelynne Platagean, Gilbert Durand, Gaston Bachelar e Cornelius Castoriadis. Para “imaginário urbano”, tomou-se investigações de Michel de Certeau, Lucrecia D’Alessio Ferrara, Snadra Jatahy Pesavento e Eni Orlandi (MELLO, 2004: 16-17).

A questão do planejamento restrito ao papel, ou seja, o distanciamento entre planejamento urbano e realidade, foi a princípio observado pelo chamado “planejamento urbano crítico”, do qual, a crítica da concepção Corbuseana do espaço por Lefebvre é paradigmática. No entanto, tal crítica também é reificação do urbano, não na sua forma espaço, mas agora na sua forma texto, corporificando neste, uma rejeição de determinada ação sobre o espaço físico.

A reificação da escriturística urbana, cujo efeito colateral, tem-se em larga medida na auto-realização da teoria, realiza um caminho letrado como que “pela mão de Alice” (SOUZA SANTOS, 2005:18-19). Resulta daí que os “críticos” do planejamento urbano contribuem de modo incisivo para a construção do hiper-objeto, na qual a teoria é tomada como ação, e não como conceito, na qual tornam indistinta a antiga cisão entre teoria e ação. A teoria, por fim, torna-se uma ação em si mesma. Transpõe-se para a inscrição bidimensional o esforço de superação da dependência da força física e maquinal, da superação da reificação do espaço, reifica-se o texto, num rastro de escrita que pode ser medido da menor à maior

complexidade, em uma metamorfologia metropolitana que transmuta-se de minimamente complexa à máxima perplexidade (SOUSA SANTOS, 2005).

A metrópole não se deixa congelar

Ao registrar as não-permanências de sucessivas teorias pensadas, Mark Gottdiener (1993), de certa forma já adianta o que será mais bem dito por Deleuze e Guattari, Pierre Levy, Paul Virilio *et al*, que chamam a atenção para as mudanças estruturantes de um mundo em que o domínio das novas interfaces tecnológicas reitera a “impossibilidade de se impor idéias de universalidade e de hegemonia, cujo teor não consegue permanecer imutável no tempo e no espaço” (ULTRAMARI, 2005, p. 13), mobilidade que Pierre Levy chama de “Tecnologias da inteligência”, tecnologias mutantes, escavando o fosso entre planejamento e projeto, cujo espaço é bidimensionalmente nulo.

Trata-se apenas de se buscar novamente o Uno, em uma metamorfologia que não significa mudança de natureza. É a constituição da multiplicidade, da identidade e da diferença como direito e reconstituição do público esbofeteado pelo privado nos fragmentos, nas peças que “se articulam como em caleidoscópio, formando um quadro sempre cambiante, que ganha sentido exatamente pelo movimento” (CARLOS, 2001: 50) - movimento de palavras.

Inapreensível, a metrópole não se deixa congelar nem em pedras nem em palavras, e enquanto os textos urbanísticos não entenderem que os rizomas metropolitanos são Deleuzianos, não poderão entender níveis de entendimento que “uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinações crescem então com a multiplicidade)” (DELEUZE, 1995: 16).

Faz-se necessário “compreender as cidades” (MEDEIROS, 2004: 56) por meio de um saber conjunto que configure um tipo de espelho a ser colocado diante da cidade-esfinge³, da metrópole ou da urbanização, da “neutralização da distância”, da “simultaneidade sincrônica”, da “não simultaneidade diacrônica”, em que “surge o mundo do tempo compactado” (BECK, 1999: 47 e 48), do tempo real que submete o tempo histórico a ilhas insólitas de *lugares*, caracterizadas por pinceladas de idiossincrasias valiosas no mercado de bens simbólicos. Faz-se necessário compreender as cidades-texto, multi-perspectivadas,

³ “Sua trama mostra-se intrincada, impedindo qualquer possibilidade fácil de identificação do desenho que a define. Sua decifração exige aparato conceitual afiado” (FRÚGOLI JR., 1995: 9).

fragmetadas e insurgentes às cidades oriundas das meta-narrativas iluministas (HARVEY, 2003: 52, 53).

Buscando identificar lugares para que possamos visualizar melhor essa reflexão sobre a natureza textual do *hiper* objeto (escrito), podemos considerar três tipos meta-urbanos: 1) Vazios relacionados ou resultantes de planejamentos e projetos; 2) Lugares considerados históricos ou a ele relacionados, reapropriados como “bens simbólicos”; 3) Lugares urbanos de fronteira, ou espaços de conurbação, além dos já apontados por diversos autores⁴. É a partir da análise crítica de tais espaços e lugares, que os críticos do planejamento urbano produzem seus textos, os quais constituem-se “lugares de fala” textuais, aos quais denominamos aqui de *hiper* espaços ou espaços narrativos.

Imiscuindo texto e matéria, tais “lugares de fala”, portanto, *hiper* espaços, compõem realidades híbridas ao também se imiscuírem com os tipos meta-urbanos, que dão forma ao *hiper* objeto urbano. Para Georges Balandier, há uma “coisa viva recombinação”, “em uma civilização onde as fronteiras entre o natural e o artificial se tornam confusas, onde as proibições categóricas desaparecidas não asseguram mais sua defesa, onde o mundo do ser vivo abre-se todo à exploração científica e à expansão técnica que empreende sua conquista, traçando caminhos para saídas ainda pouco conhecidas” (BALANDIER, 1999: 92).

O que está em processo é uma terceira natureza (textual) que recombina cultura e cultura, e não mais natureza e cultura, numa verdadeira “animação sem frase” (ARANTES, 2001). “Assistimos hoje em dia a uma verdadeira avalanche discursiva e projetual que tomou de assalto não apenas a imaginação dos teóricos, mas o que ainda teimamos em chamar de intervenção urbana” (ARANTES, 2001: 135).

Uma descendência prolífica de Dédalo, diria Balandier (idem, pág. 82). No bojo da metropolização surgem os espaços-textos que falam dos espaços híbridos, tais são os espaços narrativos. E podemos registrar que as narrativas de atores e autores desenham semelhanças e diferenças entre campos que se defrontam, e é desse embate que podemos registrar imagens dessa espécie de metamorfologia contida na hiper-realidade da metrópole em sua forma texto.

Na era do texto, a instituição do hiper-objeto transcorre na “culturalização” da cidade, “guinada responsável pela naturalidade com que não-especialistas (entre os quais me incluo) se vêem estimulados falar de um assunto que em princípio não lhes competia” (ARANTES, 1996: 229). Continua Arantes, “a cidade a rigor se encontra no centro dos

⁴ “Espaços liminares” (Zukin, 1996. págs. 205-206); “não-lugares” (AUGE, 1994); “entre-lugares” (BHABHA, 2003); “espaços genéricos” (KOOLHAS, 2006); “Super Espaços” (JAMESON, 2002); “arquitetura da persuasão” (VENTURI; BROWN e IZENOUR 2003), et all.

irresistivelmente proliferantes *estudos culturais*, ainda que ela mesma não compareça como objeto ostensivo” (idem, p. 232). Contudo, os volumes escritos também entulham a “seara do planejamento”.

Na seara do Planejamento, depois de décadas de planos diretores, a maioria dos quais não passaram de volumosos – e frequentemente corretos – diagnósticos técnicos, de autoria de ‘equipes multidisciplinares’, cabe perguntar: qual o real papel desses diagnósticos técnicos? (...) Esse quadro se torna mais intrigante quando se atenta para o descompasso existente entre, de um lado, a inconseqüência e mesmo a inutilidade da maioria dos planos elaborados por décadas e, por outro, o enorme desenvolvimento que o planejamento ‘teórico’ (ideológico na verdade) vem experimentando no Brasil. (...) Não é raro, no Brasil, denominar-se ‘prática de planejamento’ ou ‘aperfeiçoamento do planejamento’ a pura redação de relatórios, a pura redação ou reformulação livresca de planos. (VILLAÇA, 1999: 189-191).

A constatação de Villaça no que se refere à produção textual dos planejadores urbanos pode ser facilmente associada ao que diz Jameson, sobre os centros urbanos como algo insípido presencialmente, porém, com qualidade positiva quando transformados em “texto”, passando a ser “propriedade dos críticos literários” (JAMESON, 2002: 121).

Na era do texto, num mundo metropolizado pós-homogêneo, diversos atores se tornam autores, para, por meio de narrativas, realizarem o exercício da singularidade. É por isso que Robert Venturi diz: “Acolho com prazer os problemas e exploro as incertezas. Ao aceitar a contradição, assim como a complexidade, tenho em vista a vitalidade, tanto quando a validade” (VENTURI, 1995: 2). Venturi deseja criar uma narrativa da paisagem, uma meta-paisagem.

Na era do texto, o objeto urbano é “construção cultural”, diversos âmbitos da ciência saem da História e acessam a Nova História⁵. A experiência estética que impulsionava diversos modernistas do início do século passado a se expressarem no âmbito do tridimensional, utilizando-se de pensamentos e ações de vanguarda, cede lugar à experiência estética da escrita. Nem a arte, nem a arquitetura, muito menos o planejamento urbano tem algum valor ou conteúdo social, se não for expresso por meio da estética do texto: “Sintetizamos e reformulamos, aqui, tais ingredientes: controle espacial de uma paisagem urbana (e também rural e selvagem) estetizada, da qual se excluiu tudo que possa conotar perigo, ameaça violência, intranquilidade, perturbação da ordem” (MENEZES, 2002: 50, 56).

No mundo metropolizado, marcado pela construção de âmbitos *glocais*, ocorrem novas e diversas “diferenças baseadas na tensão entre a continuidade e a descontinuidade resultante dos processos situados de articulação e de enunciação. A experimentação literária e

⁵ “O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (...) a base filosófica da nova história é a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” (BURKE, 1992: 11)

expressiva será, sem dúvida, um meio fundamental para a emergência e articulação dessa teoria” (NUNES, 2002: 328), a qual expressará a vida e o viver urbano como texto.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, C. *A cidade não é uma árvore*. 2006. Disponível em <http://www.vivercidades.org.br/publique222/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=21>; acesso em 06 de maio de 2007.
- ARANTES, O. *Cultura da cidade: animação sem frase*. **Revista do Patrimônio**, nº 24. Brasília: IPHAN / Ministério da Cultura, 1996.
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes. 2000.
- BALANDIER, G. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil: 1999.
- BECK, U. *O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização*. São Paulo: Paz e terra. 1999.
- BURKE, P. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. In *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1992.
- CAMPOS FILHO, C. M. *Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade*. São Paulo: editora 34. 2003.
- CARLOS, A. F. A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 1994.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.
- DIAS, M. R. *Sob o signo da vontade popular: o orçamento participativo e o dilema da câmara municipal de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ. 2002.
- FRÚGOLI Jr., H. *Espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FUJIMURA, J. *Como conferir autoridade ao conhecimento na ciência e na antropologia*. In *Conhecimento prudente para uma vida decente*. SOUSA SANTOS (Org.). São: Paulo: Cortez. 2004.
- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP. 1993.
- GORELIK, A. *The production of "the Latin American city"*. São Paulo: Tempo Social. v. 17, n. 1, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 Jan 2007.
- _____. *Imaginarios urbanos e imaginación urbana: Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos*. *EURE (Santiago)* mayo 2002, vol.28, no.83 p.125-136. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612002008300008&lng=es&nrm=iso. Acesso em 20 de abril de 2007.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro. 1995.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola. 2003.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. 2002.
- KOOLHAS, R. *La ciudad genérica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2006.
- LEVY, P. *As tecnologias digitais da inteligência*. Riode Janeiro: Ed. 34. 1993.
- LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva. 1989.
- MEDEIROS, W. *Resumos científicos*. Anápolis: UEG. 2004.
- _____. *Na Era do Texto: Uma Busca por Singularidade em Arquitetura e em Outras Visões no Mundo da globalização*. Belém: ANPUR. XII Encontro Nacional. 2007.
- _____. *O planejamento urbano e a construção do Hiper-objeto*. Anais do III Seminário Cidade e Educação. Goiânia: IESA/UFG. 2006

- MENESES, U. T. B. *A paisagem como fato cultural*. In *Turismo e paisagem*. Eduardo Yázigi (org.). São Paulo: Editora Contexto. 2002.
- MELLO, M. M. de. *Goiânia: cidade de pedras e palavras*. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília: UnB. 2004.
- NUNES, J. A. *Ciência, informação e cidadania*. In *A globalização e as ciências sociais*. SOUSA SANTOS, B. (Org.) São Paulo: Cortez Editora. 2002.
- PAVIANI, A. *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: editora da UnB. 1998.
- ROLNIK, R. *Plano diretor participativo: guia para a elaboração pelos municípios e cidadãos*. Brasília: Ministério das cidades. 2004.
- SARLO, B. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2005.
- SOUSA, M. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.
- SOUSA SANTOS, B. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez. 2005.
- ULTRAMARI, C. *O fim das utopias urbanas*. São Paulo: Studio Nobel. 2005.
- VENTURI, R. *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes. 1995.
- VILLAÇA, F. *Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil*. In *O processo de urbanização no Brasil*. (DÉAK e SCHIFFER – Orgs.). São Paulo: Edusp. 1999.
- ZUKIN, S. *Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando culturas*. In **Revista do Patrimônio**, nº 24. Brasília, IPHAN / Ministério da Cultura. 1996.